


POR UMA LEITURA POLÍTICO- -MILITAR DA REVOLUÇÃO RUSSA: O ESTADO SOVIÉTICO E O COMUNISMO DE GUERRA PERMANENTE

For a political-military reading of the Russian Revolution:
the Soviet State and communism of permanent war

Ronaldo Queiroz de Morais^{ab}

 <https://orcid.org/0000-0002-6322-1500>
E-mail: ronaldoqueirozster@gmail.com

^a Universidade Ritter dos Reis, Curso de História, Porto Alegre, RS, Brasil

^b Colégio Militar de Porto Alegre, Divisão de Ensino, Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

O presente artigo centra energia na leitura da política soviética construída no calor revolucionário, isto é, o ato hermenêutico que parte do desdobramento da lama das batalhas reais e imaginadas travadas no afã da construção de um estado proletário. Trata-se de descarga político-militar com o propósito de salvaguardar o projeto de superação do capitalismo, diante do iminente perigo da contrarrevolução. Nesse sentido, o autoritarismo soviético foi, com efeito, de matriz militar, carregado de disciplina e hierarquia belicosa, genealogia antes encontrada nos manuais militares do que nos livros de política marxista emancipatória. É o que explica a emergência de uma sociedade militarizada da cabeça aos pés. O objetivo principal deste artigo é o de interpretação político-militar acerca do processo revolucionário russo de 1917, a fim de constituir uma paisagem do real vivido com base nas práticas belicosas que acompanharam a formação do Estado Soviético. Assim, é possível, ao longo do texto, inferir que há uma importante singularidade no contexto revolucionário em tela, momento de emergência das guerras totais, que impactou no devir do primeiro Estado Socialista do século XX.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução russa. Estado Soviético. Nova história militar.

ABSTRACT

This article, in the form of a small essay, is focused on a reading of soviet politics built under the revolutionary fervor. That is, a hermeneutic act that starts from the unfolding of the mud of the real and imagined battles fought in the eagerness of building the Proletary State. It consists in a political-military discharge with the purpose of safeguarding the project of overcoming capitalism, against the imminent danger of the counterrevolution. In this sense, soviet authoritarianism had, indeed, under a military matrix, been laden with bellicose discipline and hierarchy, a genealogy more often found in military manuals than in books about emancipatory Marxist politics. This explains the emergence of the militarized society as a whole. The main goal of this article is the political-military interpretation of the Russian revolutionary process of 1917 to construe a landscape of the reality lived from the bellicose practices that followed the formation of the Soviet State. Thereby, it is possible, throughout the text, to infer that there is an important singularity in this revolutionary context, a moment of emergency of total wars, that had impact in the becoming of the first Socialist State of the 20th century.

KEYWORDS

Russian Revolution. Soviet State. New Military History.

O Partido Bolchevique antes era um partido operário socialista. Mas a revolução sob a égide do militarismo exacerbado encarregou-o de uma tarefa que deturpa profundamente sua natureza.
(*Escritos de outubro*, Aleksandr A. Bogdánov, 1917)

A conduta e as políticas dos bolcheviques depois da Revolução de Outubro não se formaram no vácuo, e o fator da guerra civil é quase crucial para explicá-las.
(*A Revolução Russa*, Sheila Fitzpatrick (2017))

No geral, somos um povo bélico. Ou guerreávamos ou nos preparávamos para a guerra. Nunca vivemos de outra maneira. Daí vem uma psicologia bélica. Mesmo durante a paz, tudo na vida era próprio da guerra.
(*O fim do homem soviético*, Svetlana Aleksíevitch, 2016)

Para os historiadores do tempo presente, escrever sobre uma revolução que, de fato, aconteceu em 1917 e desmoronou em 1991, com o fim da União Soviética, é hoje aparentemente atividade confortável, pois nos são acessíveis todos os acontecimentos históricos. No entanto, há inúmeras dobras e filigranas, além da própria trans-historicidade do acontecimento, que provoca, e ainda provocará, pesquisa, reflexão e novas interpretações. O real é sempre turvo ao olho humano: a interpretação é imperante. Neste ensaio, apresentamos uma breve leitura no campo da Nova História Política e Militar acerca da revolução da classe proletária russa que abalou o século XX, quando transportou o espectro do comunismo para o campo da realidade política internacional. A narrativa aqui posta abordará o processo revolucionário russo com base na leitura político-militar que o insere como guerra intermitente continuada por outros meios e que impactou a militarização da política civil, forjando uma sociedade de modelo militar sustentada pelo socialismo de caserna. Em síntese, a criação de sociedade belicosa da cabeça aos pés.

Estamos na cronologia do centenário da revolução, de uma experiência que, no âmago, malogrou: a URSS chegou ao fim e a Rússia perdeu seu horizonte revolucionário. Não obstante os efeitos positivos de 1917 – que inspiraram mudanças trabalhistas e sociais no mundo moderno e lutas anticoloniais na periferia do capitalismo –, em regra geral, o socialismo soviético carrega enorme distância do ideal socialista libertário imaginado no século XIX. Há uma linha importante que, com a Revolução Russa, corta o imaginário e as práticas políticas dos movimentos socialistas. Efetivamente, insere-se na política contemporânea o Socialismo de Caserna, que se expressa no esbatimento da democracia popular e do debate político em benefício da hierarquia e da disciplina ideológica, produzindo, assim, uma comunidade mundial socialista inspirada no Estado Soviético, de sentido antes militar do que político. Diante disso, parto da premissa de que compreender as razões do fracasso objetivo do socialismo real na União Soviética está, em larga medida, imbricado à leitura acerca do contexto da crescente militarização da sociedade soviética.

Assim, é no território militar, na guerra intermitente presente no contexto revolucionário russo, que há solo fértil para lançar esforço hermenêutico. Em linha

oposta ao historiador francês François Furet (2001, p. 15) que, para explicar o fracasso do bolchevismo político, parte do imaginário moderno comunista, ou seja, da ideologia política que, seduzida pela paixão revolucionária do terror, como meio para salvaguardar a própria revolução, transformou-se rapidamente em regime totalitário. É o que explica, segundo ele, a cegueira geral da esquerda democrática ante a barbárie estalinista. Com efeito, a leitura aqui exposta distancia-se da ideia de “paixão revolucionária” como explicação para o malogro do socialismo soviético, pois as paixões políticas são percebidas como epifenômeno de desdobramento das transformações revolucionárias e dos efeitos da contrarrevolução que emergiram no teatro de guerra. Enfim, consiste na leitura que parte da lama das batalhas, das guerras reais e dos combates imaginados que produziram efeitos culturais e políticos e transformação econômica singular sobre a sociedade soviética.

Para tal fim, parto de uma questão de Michel Foucault, de trabalho arqueológico, de prática de escavação meticulosa, a fim de resgatar um saber sujeitado na modernidade com base na inversão do clássico aforismo de Clausewitz, ou seja, da percepção da política e do poder como guerra continuada por outros meios. Trata-se de uma das questões fundamentais da história e da política que, no horizonte da guerra, tece interpretações sobre a ordem civil, econômica e cultural da sociedade moderna. Nas palavras de Foucault (1999, p. 53): “[...] isso que chamamos a luta, a luta econômica, a luta política, a luta pelo Estado, pode ser efetivamente analisado em termos não guerreiros? [...]. Ou devemos descobrir, por de trás disso, algo que seria, justamente, o pano de fundo indefinido da guerra e da dominação [...]?”. De fato, em vez de procurar na paixão revolucionária da esquerda, no ideal marxista revolucionário moderno e no culto da personalidade política as melhores explicações para a formação do estado autoritário soviético e também da bancarrota do socialismo real, traçamos outras veredas. É no teatro da guerra e na cultura de poder que emerge da lama das batalhas que é possível construir explicações para o malogro da mais importante experiência revolucionária moderna do século XX, laboratório social reformador que transformou a utopia política da esquerda em distopia militar com a construção do Socialismo de Caserna.

De início, esboçamos aqui dois conceitos, que, ao longo do artigo, vão compor os argumentos fundamentais da narrativa. Primeiramente, o texto está no campo da nova história política e militar, que ajuíza a intenção de interpretar a formação do Estado Soviético com base no fenômeno militar. A história militar é o campo estrondoso da representação, na forma de texto, do real vivido nas batalhas, da preparação e execução do ato belicoso. Não é tudo. Também compõe o silêncio ordinário e disciplinador da formação do corpo e da identidade militar. E, fundamentalmente, contabiliza o impacto da ordem militar na sociedade moderna em sua totalidade. A preciosa aula de Michel Foucault no Collège de France nos anos de 1975-1976 é seminal para a leitura do fenômeno militar e da guerra porque articula o poder que dele deriva à genealogia da ordem social. Assim, é por meio do fenômeno militar que apresento outro conceito, o de “socialismo de caserna”, que foi posto por Robert Kurz (2008) a fim de apresentar o autoritarismo soviético. No entanto, o conceito de “socialismo de caserna” desenvolvido neste artigo é pragmático, pois corresponde à descrição da paisagem militarizante do sistema socialista posto pelo Estado Soviético. Então, o “socialismo de caserna” resultou dos imperativos históricos que viabilizaram a produção e reprodução do poder soviético expresso por meio do Estado que, progressivamente, estendeu a cultura militar à política civil.

DA GUERRA TOTAL À GENEALOGIA DO BOLCHEVISMO

Em termos militares, Guerra Total é um fenômeno contemporâneo, do século XX, que corresponde à concentração de toda a energia da sociedade para a produção de destruição. As guerras até o século XIX estavam restritas aos combates pontuais entre exércitos. Hobsbawm (2012) demonstra que a vida dos civis pouco era afetada pelos combates militares, mas as duas guerras mundiais do século seguinte tomaram outra dimensão, já que a produção da guerra passou a ser total. Nesse sentido, torna-se imperativo inventariar essa inflexão histórica para ilustrar o contexto de militarização do qual emerge o bolchevismo revolucionário. Com efeito, a Guerra Total foi o desdobramento do contexto imperialista de “paz armada” do século XIX. Impossível imaginar a Grande Guerra sem o fomento identitário nacionalista e a modernização do aparato de destruição que a precedeu. Em substância, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi total porque potencializou toda a energia social e tecnológica das nações para a destruição dos países inimigos. A Revolução Russa de 1917 foi desdobramento e produto da Grande Guerra. Ela evidenciou a fragilidade do regime czarista tardio, criando as condições para a ação armada de derrubada da ordem obsoleta e de toda a moderação política. Lenin e os bolcheviques perceberam que as contradições do desenvolvimento do capitalismo russo, com a Guerra Total, produziram condições revolucionárias tão rápidas quanto a própria modernização do capital. Foi com o impacto da Primeira Guerra Mundial que o bolchevismo experimentou crescimento rápido e mobilização popular acentuada, com o propósito de transformação da Revolução Russa na primeira insurreição proletária de êxito político-militar. Por certo, o sucesso do bolchevismo resultou da canalização da energia da Guerra Total a fim de transformá-la em estratégia revolucionária.

A Primeira Guerra produziu horror e barbárie em todos os países envolvidos diretamente. No Império Russo ela agregou-se à derrota de 1905 para o Japão e ao descontentamento interno ante a perda de confiança no governo monárquico por parte das elites progressistas e do proletariado. Com a guerra, os problemas políticos e sociais assumiram posição dramática. No *front*, a destruição provocada pela Guerra Total sobre o Império Russo foi catastrófica: o total das baixas na Primeira Guerra Total foi algo em torno de 10 milhões, divididos em 3 milhões de soldados mortos, 4 milhões de feridos e cerca de 3 milhões de civis mortos no contexto dos combates, em uma população de aproximadamente 175 milhões (CHRETIEN, 2017). Lenin identificou a crise, produzida pelo impacto da destruição belicosa, como perspectiva revolucionária mundial. Em sua concepção, a crise desencadeada pela guerra atingiria tanto a esfera material como as forças morais das sociedades industriais das nações envolvidas, lançando a humanidade no élan revolucionário e na transformação do próprio modo de produção dominante (LENIN, 1979, p. 1). Enquanto no imaginário liberal a Grande Guerra se impunha como a guerra que poria fim a todas as guerras, para Lenin, o conflito belicoso se colocava como a situação-limite que desencadearia o processo revolucionário mundial e a própria superação do capitalismo. Em poucas palavras, a guerra entre os países imperialistas representaria o estopim para a revolução proletária mundial.

É um erro imaginar a Rússia como absurdamente atrasada no contexto da guerra e da revolução. Desde o final do século XIX estava ocorrendo importante processo de modernização no país. No campo bélico, o Império Russo implementou o serviço militar obrigatório e realizou reforma no Exército semelhante à dos países capitalistas avançados. Contudo, as contradições de uma nação de estrutura dominante ainda pré-



-capitalista e carente de revolução burguesa limitaram o êxito militar. A semiabolição do regime servil e a industrialização, concentradas em poucas cidades, arrastaram uma massa de soldados camponeses para uma enorme guerra industrial. Para Leon Trotsky, o problema de assimetria do Exército russo encontrava-se na desproporção entre o nível cultural do soldado camponês e o da técnica militar (TROTSKY, 1982, p. 26). Uma massa de soldados camponeses jogados no teatro operacional de combate moderno com poder de destruição industrial nunca antes imaginado teve imensa dificuldade de adaptação às vicissitudes da Guerra Total. É aqui que podemos traçar uma linha que divide o processo de transformação do Exército do Império Russo e a militarização posta pelo Estado Soviético. O exército dos czares sofreu um rápido processo de modernização, antes da Grande Guerra, contudo, ainda carregava em seus quadros a presença de oficiais aristocratizados e uma forte base de soldados camponeses. O novo Exército soviético que vai substituí-lo, em processo de sobreposição institucional, absorve a formação militar moderna, graças à cooperação militar firmada em acordo diplomático com a Alemanha, e, mesmo mantendo parte dos oficiais do exército czarista, impõe uma lógica disciplinar de exército de massa apoiado no soldado operário.

A guerra foi um enorme peso para todas as nações envolvidas diretamente no conflito. Entretanto, para o Império Russo, a guerra representou a exposição da fragilidade política do czar. O contexto de guerra russo-japonesa (1904-1905) já havia desencadeado a reação política de trabalhadores e intelectuais e uma tentativa de revolução social. Assim, a premissa de que a guerra desencadeava contexto de tensão política interna foi o que levou Lenin a ser favorável ao clima belicoso da Guerra Total como forma de facilitação de eclosão revolucionária (FERRO, 2017, p. 15). Dos elementos significativos que brotaram da guerra, o mais relevante, no plano político, foi a revolução proletária. Ela ressurgiu como uma realidade política no contexto da crise do liberalismo e de forte instabilidade econômica. E é nessa perspectiva que o bolchevismo ganha força política internacional por se opor à barbárie da guerra e denunciá-la, o que, paradoxalmente, o elevou ao patamar de máquina revolucionária.

Diante do sofrimento social no campo de batalha e fora dele, os bolcheviques apresentaram a solução popular: paz, terra e pão. Lenin também ressignifica a razão da guerra, deslocando-a da causa nacional, dos conflitos de identidade referentes ao Estado-nação, para o campo de interesses capitalistas. Então a guerra passou para a esfera do imperialismo entre nações, do capitalismo monopolista e da ganância da burguesia internacional (FURET, 1995, p. 33). Por certo, a Primeira Guerra Total foi o pai e a mãe do bolchevismo, pois o ímpeto revolucionário nasceu do desdobramento da lama das batalhas e a estratégia política correspondeu à leitura do contexto belicoso para fins revolucionários.

A Guerra Total para a Rússia, objetivamente, auxiliou no desencadeamento de conflito entre a aristocracia de oficiais militares e soldados camponeses. A tensão aumentava na intensificação da própria guerra. O conflito entre os oficiais da aristocracia e os soldados camponeses nas trincheiras esboçava as diferenças de classes no interior da sociedade russa. As baixas de soldados camponeses sob o comando de oficiais aristocratas representavam desestabilização da ordem rural, por subtração de mão de obra das famílias do campo, além do desvio da produção agrícola para o *front*. A guerra de recrutamento de massa incrementou dramaticamente os levantes no campo: o malogro dos soldados camponeses no desencadear dos combates trouxe frustração e desespero entre os produtores rurais.

A guerra também alterou significativamente as relações de poder no espaço urbano. O crescente aumento do volume de trabalhadores urbanos, a fim de atender à demanda por produção industrial para o conflito, proporcionou a existência de uma massa de proletários industriais que alterou a paisagem política das grandes cidades da Rússia. Entre 1914 e 1917, os trabalhadores de São Petersburgo, por exemplo, passaram de 242.600 para 392 mil, crescimento de quase 62%. Tal como no campo, o fracasso nos combates incrementava a luta de classes urbana – os movimentos grevistas do proletariado urbano tiveram a adesão de 80% nas vésperas da Revolução de 1917. Ao contrário de países como Alemanha e França, alicerçados no Estado-nação com forte identidade nacional, em que até mesmo a esquerda contribuiu para os esforços de guerra, a Rússia, na Primeira Guerra, teve forte resistência da esquerda, que rejeitou o desgaste social promovido pelo conflito e conduziu, amiúde, revoltas políticas (CHRETIEN, 2017). A Guerra Total acionou todas as forças sociais e políticas de antítese moderna ao regime absolutista tardio na Rússia, pois tornou insustentável a velha estrutura de poder. Enfim, as diferenças de classes no interior do Exército dos czares são indicativas de baixa coesão militar e de identidade nacional precária.

Para Marc Ferro (2011, p. 15): “Em 1914 [...] somente Lenin via claro que a guerra fora o mais belo presente de Nicolau II à Revolução”. De fato, a modernização incompleta da Rússia a colocou em atraso no bojo das nações belicosas. A semiabolição do regime servil e o serviço militar obrigatório foram políticas articuladas de modernização em contexto dinâmico de concorrência mundial. Contudo, a rápida modernização, diante da barbárie da Guerra Total, também acelerou o processo revolucionário ante as contradições do sistema tradicional de poder que agonizava (TROTSKY, 1982, p. 28). A derrota militar para o Japão já havia esboçado a fragilidade interna, seguida de tentativa de revolução social no ano seguinte. Em resumo, a guerra contemporânea revelava toda a fragilidade do Império Russo. Entretanto, isso não significa que a Rússia estava totalmente despreparada para a guerra, pois os fatos demonstram que, no conjunto das forças beligerantes, o poder militar russo tinha um papel importante. É o que explica os investimentos pesados da Alemanha para que a revolução bolchevique cumprisse sua promessa imediata de retirada da Rússia do teatro operacional para liberar a Alemanha dos esforços militares no flanco oriental. O Exército russo era, de fato, moderno, mas limitado por ausência de aburguesamento da sociedade. Faltou aos russos o soldado operário moderno – as tropas de soldados camponeses e de oficiais aristocratizados trouxeram ao combate, de forma dramática, as mesmas contradições que integravam o país como um todo. E é essa a fragilidade que deve ser contabilizada com o objetivo de compreender a vitória dos bolcheviques na Revolução de 1917 como desdobramento da Guerra Total. Com efeito, a frustração das derrotas militares subtraía o potencial nacionalista, incrementando os conflitos de classes, favorecendo, assim, a formação das condições objetivas para o êxito revolucionário dos bolcheviques.

Objetivamente, a Primeira Guerra Mundial expôs e intensificou a fragilidade e o anacronismo da Rússia czarista. As constantes derrotas militares do exército russo aumentavam os descontentamentos populares, o que facilitou, em fevereiro de 1917, a derrocada do poder autocrático do Czar. Desde o início da guerra, as deserções de soldados do *front* eram uma realidade ordinária, por objetiva falta de consistente identidade nacional, que compõe a matéria-prima ideológica *sine qua non* à guerra de massa. Os soldados russos, amiúde, recusavam-se a lutar. No Natal de 1914, já havia a prática de fraternização com o exército inimigo: trocavam, com os soldados alemães, cigarros, conhaques e até realizavam danças regionais. Tudo sem a interferência e o

controle do comando dos oficiais. Os soldados alemães também traçavam linhas de comunicação entre os acontecimentos revolucionários de fevereiro de 1917 e o *front* para que os soldados russos tivessem acesso às informações sonegadas por seus próprios oficiais. A Revolução de Fevereiro de 1917 fomentou no *front* russo o desejo dos soldados que a Rússia interrompesse imediatamente sua participação na guerra (COLOMBO, 2017). Enfim, a base da tropa queria que o governo provisório de Kerensky negociasse, em breve, a paz.

O governo de Kerensky enfraquecia-se rapidamente porque negligenciava a decisão política de assegurar a retirada imediata dos soldados do *front*. Depois da Revolução de Fevereiro, Lenin e os bolcheviques compreenderam que as condições para a revolução proletária estavam dadas, quando se canalizava na ideia de garantir a paz. Nesse momento, denunciar a barbárie da guerra e anunciar “todo o poder aos soviets” representava a importante estratégia da luta política revolucionária para enfraquecer e derrotar o governo provisório de tom político moderado. No contexto das relações internacionais, a promessa de Lenin – de no poder pôr fim à guerra – produziu imediato apoio da Alemanha, assegurando aos bolcheviques recursos financeiros e a segurança necessária para que o refugiado Lenin pudesse chegar à Rússia a salvo. Assim, a Revolução de Outubro de 1917, conduzida pelos bolcheviques, pequeno grupo disciplinado e organizado, transfere o poder de Kerensky para Lenin. Logo iniciaram as transformações políticas e sociais com a expropriação e estatização das grandes propriedades de terra e sua imediata socialização. No plano internacional, a Rússia, em clara desvantagem militar, pragmaticamente, declara armistício e, dessa forma, termina a Grande Guerra para os russos e, ironicamente, inicia o intermitente comunismo de guerra que compõe sua estrutura genealógica na Guerra Total que lhe deu origem.

O retorno de Lenin à Rússia produziu inflexão política no interior do bolchevismo: as “Teses de Abril”, publicadas pelo demiurgo da Revolução de Outubro de 1917, no jornal *Pravda*, esboçavam a forte concepção revolucionária de transformação da revolução incompleta de tom burguesa para uma revolução completa de inclinação proletária. As teses de Lenin não foram absorvidas de imediato pelos líderes do Partido Bolchevique, no entanto, entre os militantes da base havia imensa aceitação.

As ideias revolucionárias de Lenin cresciam a cada malogro militar no *front* da Primeira Guerra. Por exemplo, em junho de 1917, Kerensky ordenou uma ofensiva militar contra a Áustria e a Galícia: operação fracassada. Esse desastre militar produziu, imediatamente, desordem pública em Petrogrado – as bandeiras socialistas dos bolcheviques tomaram as ruas, indiciando uma relação política explosiva entre o fracasso militar no *front* e o incremento do poder dos revolucionários liderados por Lenin. A relação política explosiva também foi percebida pelos adversários da radicalização revolucionária, que a cada derrota militar procuravam a transferência de responsabilidade aos bolcheviques. Ou seja, somente os bolcheviques compreenderam que o contexto político revolucionário na Rússia estava imbricado à guerra. O lema revolucionário “paz, pão e terra”, exatamente nessa ordem, traduzia o horizonte político que mobilizava as massas proletárias (WOOD, 1991, p. 70). Lenin tinha enorme clareza de que o êxito revolucionário estava relacionado com o conflito mundial, pois se os países imperialistas não estivessem em guerra entre si, uma revolução proletária na Rússia seria brutalmente esmagada (LENIN, 1979, p. 227). Assim, a política bolchevique centrou-se em aproveitar o contexto internacional de crise político-militar com o objetivo de estabelecer o poder soviético.

De agosto a outubro de 1917, os bolcheviques passaram à vanguarda do processo revolucionário. O desastre do golpe militar de direita, no mês de agosto, liderado pelo general Kornilov, demonstrou que os soldados estavam fragilizados e muito mais sensibilizados aos apelos políticos do que militares. O *putsch* contrarrevolucionário foi totalmente desmobilizado, sem disparo de arma de fogo, apenas pela presença de elementos bolcheviques no interior da tropa para dissuadi-los do cumprimento das ordens do general. Em setembro, mês seguinte ao golpe militar, sob imensa popularidade, os bolcheviques já dominavam a maioria dos soviets de Petrogrado e Moscou (WOOD, 1991, p. 69). Assim, a expressão leninista “todo o poder aos soviets” tomou, de fato, seu sentido revolucionário, pois, essencialmente, representava “todo o poder aos bolcheviques”. Sendo assim, o motim de Kornilov colocou os bolcheviques no controle iminente da Revolução Russa, que passou a configurar a única gramática política possível. Em apenas oito meses, a Monarquia Imperial Russa, governada por czares inclinados ao absolutismo, transformou-se em uma república revolucionária liderada por marxistas, que abriram o horizonte político para a Revolução Socialista Internacional. O comunismo rapidamente assumiu corpo político com anatomia material de carne e osso – já não representava o mero espectro assustador do século XIX. O bolchevismo revolucionário triunfou, exatamente porque soube apropriar-se politicamente da fragilização interna causada pela Guerra Total, inserindo a paz como pauta revolucionária. Efetivamente, a Revolução Bolchevique resultou, de imediato, em desencantamento político ante o frágil estado liberal liderado por Kerensky.

A GUERRA CIVIL E A MILITARIZAÇÃO DA POLÍTICA

A Guerra Civil Russa, que se estendeu até 1922, foi na realidade uma guerra de tom internacional contra o poder revolucionário bolchevique. Foi, verdadeiramente, uma guerra total para os soviéticos no sentido conceitual e prático, pois representou a concentração de todas as forças vivas da Rússia revolucionária *versus* a reação das forças contrarrevolucionárias de dentro e de fora do território nacional. Dessa forma, a Guerra Civil Russa estendeu o contexto belicoso mundial à Rússia revolucionária e impôs aos bolcheviques a persistência do uso da razão político-militar moderna. As decisões partidárias passaram a ser estratégicas e táticas – de tom militar – antes de serem propriamente revolucionárias. O comunismo de guerra manifestado por Lenin apresentou-se como a guerra continuada na administração do Estado, impondo a estatização e o controle político como estratégias de deslocamento do máximo possível de recursos do meio civil para o militar, com o propósito de salvaguardar o Estado Bolchevique. Com efeito, Lenin transformou a defesa do socialismo em guerra total ou, melhor, colocou toda a sociedade a serviço da guerra. O contexto histórico belicoso da Revolução Soviética, essencialmente, a Guerra Civil Russa, com cerco militar inimigo, invasões e ameaças geopolíticas ordinárias, inviabilizou os mecanismos de democracia direta pelos soviets, pois mostraram-se incapazes de estabelecer uma ordem de defesa necessária à vitória da revolução (FERNANDES, 2017, p. 151).

Assim, o comunismo de guerra se constituiu como resposta satisfatória ao contexto de forte ameaça militar contrarrevolucionária. Efetivamente, em benefício da ordem militar, as relações inerentes à democracia popular foram alijadas da gramática política soviética. Assim, a máxima política “todo o poder aos soviets” foi substituída pelo comunismo de guerra. A guerra em defesa da ordem revolucionária significou



a transposição da lógica militar para o meio político – o contexto de guerra sempre demanda sensível encolhimento da democracia. No entanto, o comunismo de guerra concentrou toda a energia social para o poder militar, produzindo uma cultura política de caserna descrita amiúde pelos combatentes.

De fato, o horizonte de Guerra Civil Russa e de decorrente colapso econômico levou o Governo, no verão de 1918, a desenvolver políticas drásticas, que se tornaram, mais tarde, conhecidas como “comunismo de guerra”. Em essência, correspondeu à transferência da economia civil para a militar (CARR, 1979, p. 27). A Guerra Civil Russa que teve seu início em outubro de 1917 e persistiu por quatro anos e meio produziu imensa destruição na Rússia. Os dados de mortos no conflito são estrondosos: os mais confiáveis apontam 4,5 milhões de vítimas, algo em torno de 3% da população. Foi uma guerra civil de extensão internacional – governos da Alemanha, da Itália, da França, dos Estados Unidos, do Japão, da Polônia, da Grécia, da Tchecoslováquia e da Romênia forneceram apoio militar aos brancos contrarrevolucionários, enquanto os aliados chineses, alemães e coreanos apoiaram os Vermelhos Bolcheviques. De imediato, a Guerra Civil Russa contribuiu para transformações importantes no rumo político da Revolução Bolchevique. A violência da guerra política excluiu qualquer posição de neutralidade e de moderação, arrastando todas as forças políticas revolucionárias para o sistema de partido único (MARIE, 2017, p. 16). Diante da guerra, não somente a verdade é a primeira vítima, também qualquer perspectiva política de inclinação plural e democrática.

Naquele contexto, foi o pensamento militar que regeu a orquestra social. Se a Primeira Guerra Total criou as condições para a emergência da Revolução Bolchevique, a Guerra Civil Russa engendrou a cultura política hegemônica do Estado Soviético. Em poucas palavras, impôs a militarização da política como cultura de longa duração. A Guerra Civil Russa, em essência, não corresponde a conflito entre países, guerra entre estados nacionais, trata-se de guerra partidária no interior do corpo social. Entretanto, a Guerra Civil Russa na qual o Exército Vermelho teve que travar batalhas configurou-se também como luta nacional, da jovem identidade soviética, contra a presença militar estrangeira. Embora não tenha chegado a combater exércitos institucionais, o Exército Vermelho travou combates contra inimigos internos e externos abastecidos com suprimentos logísticos enviados pelas principais nações imperialistas que desejavam pôr fim ao nascente Estado Soviético. A Guerra Civil Russa acelerou a formação do Estado Soviético com base na consolidação do Exército Vermelho como estrutura de defesa nacional. De tal forma que a nova instituição militar representava, essencialmente, o poder do Estado Soviético. Em realidade, o Exército Vermelho como aparato militar não se corporificou, grosso modo, diferente dos demais exércitos dos países industrializados. Trotsky no comando, com apoio técnico alemão, procurou construir uma força militar de disciplina e hierarquia semelhante à de grandes exércitos dos países avançados. O Exército Vermelho atuou também como uma enorme máquina identitária soviética. Consoante Sheila Fitzpatrick (2017, p. 106), mais de meio milhão de soldados ligados ao bolchevismo serviu ao Exército durante a Guerra Civil Russa e metade desse contingente tornou-se identificado com o poder advindo do Estado Soviético após ingressar nas fileiras do Exército Vermelho.

A identidade militar do Exército Vermelho foi constituída no calor das batalhas da Guerra Civil Russa. Tratava-se de identificação dos soldados por meio de fortes laços com o futuro de uma Rússia socialista, que, no presente, impunha guerra contra os inimigos da Revolução Bolchevique. A identidade soviética estende uma linha imaginária



que liga o presente ao futuro: enquanto os laços identitários dos exércitos modernos estavam fortemente ligados a comunidades imaginadas no passado, a jovem república socialista traçava todos os vínculos identitários para o porvir de uma sociedade que iria realizar a utopia igualitária moderna. Todos na defesa da pátria socialista, operários e camponeses, transformaram-se em soldados da revolução (MANIFESTOS VERMELHOS, 2017, p. 371).

A Guerra Civil Russa também representou combate identitário: o Exército Vermelho representando a Rússia Soviética do futuro *versus* o Exército Branco canalizando o passado czarista. Por certo, a identidade do Exército Vermelho foi constituída como imagem de luta enérgica na defesa do Estado Soviético que representava o avanço dos interesses dos operários e camponeses russos. Palavras de Lenin: “O Exército Vermelho é forte porque vai consciente e unânime ao combate pela terra dos camponeses, pelo poder dos operários, pelo poder soviético” (LENIN, 1979, p. 140). O Exército Vermelho, montado pragmaticamente, inclusive com a participação de oficiais do Império Czarista, foi conduzido a fim de representar o poder da jovem república socialista em guerra contra as forças da reação conservadora, pois para proteger o Estado Proletário era fundamental a existência de um poderoso exército moderno. A ideia de que, com Exército Vermelho forte, o socialismo triunfaria e que, do contrário, a derrota seria inevitável estava presente nos discursos dos principais líderes bolcheviques. De fato, o Exército Vermelho nasce no calor das batalhas da Guerra Civil Russa, rompendo laços com o Exército aristocrático czarista, visto que carrega a forma moderna de coesão militar e a forte identificação com a nacionalidade soviética.

O Exército Vermelho teve sua formação inicial como uma tropa de combate do Partido Bolchevique. Foi organizado do fomento antes político partidário do que militar. Houve uma série de palestras de lideranças do partido para convencer operários e camponeses sobre a importância do alistamento voluntário ao aparato militar. Contudo, na iminência da Guerra Civil Russa e durante os conflitos armados, os bolcheviques produziram práticas de crescente militarização da tropa, com disciplina e obediência aos chefes militares. Também criaram narrativas de desconstrução da política contrarrevolucionária com o objetivo de desqualificar as motivações de combate do Exército Branco. Em 1918, no jornal *Pravda*, é possível observar a seguinte narrativa: “A contrarrevolução dentro do país deve ser reprimida sem piedade para que o poder soviético possa conduzir a luta” (MANIFESTOS VERMELHOS, 2017, p. 406). O poder soviético representado pelo Exército Vermelho era a potência capaz de vencer os inimigos da revolução e superar os problemas sociais que, cotidianamente, pauperizavam os trabalhadores do campo e da cidade. A militarização moderna do Exército Vermelho estava imbricada ao desenvolvimento do Estado Soviético.

A Guerra Civil Russa também foi uma Guerra Total, que transferia toda a energia da sociedade para a produção da destruição. O Exército Vermelho apresentava-se como o coração do Estado Soviético. Nessa perspectiva, o Estado Soviético deveria erguer o poder econômico para alimentar os soldados no *front*. Toda a estrutura burocrática do Estado estava alicerçada em planejamento rígido, a fim de sustentar um exército com força suficiente para derrotar os inimigos da revolução. O ponto central do poder de Estado e do aparato militar é o ato de obedecer. Então o próprio Lenin, no texto *Ensinamentos sobre a Guerra Civil*, fez questão de sublinhar a necessidade imperativa de que soldados, operários e camponeses deveriam seguir todas as leis e ordens advindas do Estado Soviético. Dessa forma, os códigos modernos e universais de obediência militar foram transferidos para a sociedade civil.



O conceito de comunismo de guerra iluminou a paisagem político-belíca russa, pois representou o desenvolvimento do planejamento centralizado de controle da produção econômica e práticas burocráticas de política repressiva do Estado Bolchevique, com base na criação da Tcheka, diante do caos que se configurava no cenário de iminente guerra civil.

Em 1919, Lenin lança decreto que nacionalizou as principais indústrias do país. A medida tinha por objetivo aparelhar o Exército Vermelho, com a produção mobilizada para o campo de batalha. A produção agrícola também foi objeto de forte centralização econômica, com a intenção de manter alimentados os soldados no campo de batalha. No entanto, a transferência dos cereais do campo para o *front* produziu revoltas camponesas contra as políticas do comunismo de guerra (CARR, 1981, p. 28). Como a vida social e econômica estava alicerçada no diapasão da necessidade militar, assegurar o abastecimento do Exército era tarefa fundamental da economia política de guerra.

O contexto, de fato, incrementou as práticas de autoritarismo militar. O comunismo de guerra e a guerra civil também impactaram a política civil e, fundamentalmente, a formação de uma sociedade atolada completamente na cultura militar. Com efeito, o poder bolchevique foi engendrado na Grande Guerra e posto à prova na Guerra Civil Russa. O partido tornou-se soldadesco-operário, nas palavras de Aleksandr Bogdánov, membro fundador do Partido Operário Social-democrata Russo (ESCRITOS DE OUTUBRO, 2017, p. 129). A guerra criou as condições para a transformação do bolchevismo em partido de soldados e delimitou a cartografia de poder bolchevique, formando uma cultura política que alimentava os aparelhos ideológicos do Estado Soviético. A Guerra Civil Russa transformou a cultura política do socialismo russo, impactando os bolcheviques e a jovem República Soviética. Foi no calor das batalhas que os bolcheviques tiveram que lançar os primeiros passos de governo, e isso, sem dúvida, produziu a cultura política que afetou o imaginário social. Em suma, o conflito belíco polarizou a sociedade, fomentou a hegemonia política autoritária e a cultura de defesa militar do socialismo soviético.

A narrativa recorrente e dominante da perspectiva de um novo cerco capitalista, alicerçada na realidade de participação estrangeira contrarrevolucionária na Guerra Civil Russa, criou o permanente medo social, com elementos de paranoia e xenofobia (FITZPATRICK, 2017, p. 108). Amiúde, os discursos dos líderes bolcheviques continham antes uma preocupação militar com a segurança do Estado Soviético do que com os elementos básicos da democracia. Bukharin e Preobrajenski escrevem: “A República é um campo fortificado. Vivemos sob o regime da ditadura militar do proletariado”. As necessidades militares estavam no primeiro plano – no sentido político, o Estado Soviético transformou-se em caserna e, conseqüentemente, ficou vazio de democracia. As instituições – tanto o Exército Vermelho quanto a Tcheka – pairavam centralizadas pela hierarquia burocrática, sem controle até mesmo dos soviets. Durante a guerra, dezenas de milhares de quadros operários comunistas tornaram-se oficiais, comissários e militares (BROUÉ, 1996, p. 43). No Estado Soviético, qualquer tentativa de inserir na gramática política a democracia era percebida como discurso contrarrevolucionário, a fim de enfraquecer a República Proletária. A centralização de mando, que torna os exércitos eficientes com base em rígida disciplina, esvaziou a democracia popular do corpo político soviético. Em poucas palavras, as práticas autoritárias do bolchevismo burocrático são, antes, resultado das teias das relações militares produzidas na Guerra Civil Russa do que mera expressão ideológica inspirada no marxismo político.

Efetivamente, os bolcheviques que construíram sua vida política na clandestinidade diante da pressão czarista no período pré-revolucionário – velha guarda – já não representavam a maioria dos partidários da República Soviética em 1920. A maioria deles ingressou no partido no calor da guerra civil, assim, para eles, o partido era uma comunidade militarizada no sentido moderno. O comunismo que advém do campo de batalha é militar do começo ao fim. Os combatentes conduziram as práticas castrenses para a política partidária, que era facilmente percebida, nos anos 20 e 30 do século XX, pela linguagem e pelos uniformes militares como signo de pertença partidária. A lama das batalhas da guerra civil impactou a militarização da política da República Soviética, produzindo uma cultura de caserna nas teias do fluxo de poder. Dessa forma, o espantinho autoritário militar persistiu na longa história política soviética, por meio da flexibilidade da burocracia ao recorrer à coerção, aos decretos administrativos, à administração centralizada e à justiça sumária (FITZPATRICK, 2017, p. 107). A história do autoritarismo soviético deve ser contabilizada adicionando-se a ela o processo de militarização da política que emerge das batalhas para a consolidação da Revolução Bolchevique. Apontar o autoritarismo comunista como ideologia é muito pouco para alcançar a complexa dinâmica histórica de formação do Estado Soviético.

O ESTADO SOVIÉTICO E O COMUNISMO DE GUERRA PERMANENTE

É preciso afirmar, desde o início, que o Estado Soviético não foi o demiurgo do autoritarismo na Rússia. O autoritarismo russo tem uma longa história; os bolcheviques apenas iniciaram um novo capítulo nas formas de dominação do Estado sobre a sociedade. Houve uma importante inflexão política, a transição de um autoritarismo czarista carregado de signo religioso para outro, de símbolo militar. Aqui é possível, novamente, perceber a linha que separa o Exército aristocrático czarista do Exército soviético: a cultura militar no Império Russo foi restrita à linhagem tradicional aristocrática (corpo dos oficiais), ao contrário da nova cultura militar, que se estabeleceu de forma universal e massificada. Trata-se da criação de uma república socialista de caserna, em que a militarização penetrou profundamente no corpo social até os poros (KURZ, 1999, p. 58).

A guerra, ao longo do poder soviético, foi construída como um conflito anti-imperialista contra inimigos da revolução. Em outras palavras, a guerra, mesmo quando de dimensão civil, continha uma forte inclinação internacional: imperialistas *versus* estado proletário. Dessa forma, os bolcheviques elaboraram o Estado Soviético como máquina de guerra intermitente contra os capitalistas. Enfim, imaginava-se que a destruição do capitalismo surgiria do sucesso do estabelecimento do Estado Soviético, mas é importante avaliar o processo histórico de construção do Estado Soviético no contexto das relações internacionais ou, melhor, com base na perspectiva real e imaginada de cerco dos estados-nação capitalistas ao projeto do Estado Socialista, inserindo, assim, o pano de fundo da guerra sem trégua diante da ameaça intermitente que a Revolução Russa representou para a estabilidade da ordem mundial burguesa. No âmbito das nações modernas do século XX, a ideia de uma revolução permanente, originária da Revolução Russa, deveria ser limitada a outra, bem moderada, a de socialismo apenas na União Soviética, estratégia adotada pelo Estado Soviético com a intenção de diminuir a pressão internacional.



Os bolcheviques da velha guarda, ligados à ideia de democracia direta dos conselhos, opõem-se à centralização militar. Malgrado, o X Congresso de 1921 proíbe a existência de facções políticas. Os defensores dessa medida, incluindo Lenin, argumentavam no sentido de uma exigência temporária para unir o partido (MIÉVILLE, 2017, p. 197). A exclusão das facções no interior do Estado Soviético representou o esmagamento da política revolucionária em benefício da ordem militar. A militarização acentuada das relações de poder produziu a degradação da democracia popular, incremento do estatismo e nacionalismo bolchevique, bem como a presença de normas disciplinadoras de regulação moralizadora da cultura e sexualidade. O stalinismo, imagem do poder de Estado Soviético, ilustra a presença do Estado coercitivo militar em sua pior face.

O Estado Soviético foi o estabelecimento do socialismo de caserna. O conceito foi elaborado por Robert Kurz (1999, p. 62) como descrição coerente da experiência do socialismo real do século XX. O uso do conceito aqui é pragmático – socialismo de caserna é um instrumento de análise que contribui para a construção de uma interpretação da Revolução Russa na esfera político-militar. Impossível negar que a guerra foi uma espécie de pai e mãe da política construída na União Soviética. Também é fundamental inserir a dinâmica externa, as pressões internacionais, que, dialeticamente, produziram demandas internas de clima militar, para a compreensão do autoritarismo do Estado Soviético. A construção da República Bolchevique representou forte ameaça à ordem burguesa, que forjou um contexto belicoso de longa duração, de tal forma que a sociedade e as instituições soviéticas responderam ao perigo contrarrevolucionário com preparação infinita para a guerra a fim de defender o Estado Proletário, salvaguardando a experiência socialista da URSS, o que resultou no estabelecimento do socialismo militarizado. As metáforas políticas estavam carregadas de imagem militar, de modo que a organização da classe proletária deveria seguir o tom do diapásão da caserna. O que precisamos, segundo Lenin, “é da marcha cadenciada dos batalhões de ferro do proletariado” (MANIFESTOS VERMELHOS, 2017, p. 413). Resumindo, o proletariado marchava sob o comando militar para a construção do socialismo soviético.

A emergência da Revolução Russa também produziu uma inflexão importante na esquerda internacional, formulando uma nova “gramática” política alimentada por vocabulário e práticas de sentido antes militar que político. Os socialistas revolucionários do século XIX tinham uma cultura de ação política e de combate civil-urbano muito diferente dos comunistas inspirados no bolchevismo, que logo incorporaram o sentido militar moderno tanto para os valores culturais quanto para a estratégia e a tática de ação. A disciplina exigida aos “militantes” ou “camaradas” pelo partido era de fundo militar. Palavras de Hobsbawm (2002, p. 148) sobre sua vivência no Partido Comunista: “Aceitávamos sua disciplina e hierarquia. Aceitávamos a absoluta obrigação de seguir a ‘linha’ que nos era proposta, mesmo se discordássemos dela [...]”. E acentua: “Se o Partido mandasse abandonar o amante ou o cônjuge, obedecia-se”. A vida pública e privada estava sob o comando do poder militar.

Com efeito, a disciplina de modelo militar da esquerda mundial adveio do bolchevismo de guerra, mas não teria produzido o efeito estratégico e o êxito político internacional sem os desdobramentos da permanente ameaça de guerra ao Estado Soviético. O modelo militar de sociedade no socialismo real foi dramaticamente posto como única forma de governo possível. Assim, a identidade comunista no solo russo e também fora dele estava amarrada à defesa da política do Estado Soviético. A forte disciplina militar dos partidos comunistas produziu uma adesão internacional centralizada



ao comitê central russo que favoreceu o crescimento de partidos comunistas no globo, com forte solidariedade ao Estado Soviético.

O sistema capitalista, sempre inclinado à crise econômica, com a Revolução Russa, passou ao incômodo assustador de ter que conviver com um horizonte revolucionário permanente. O socialismo soviético representava uma ameaça constante à ordem burguesa dos países avançados. O Estado Soviético apresentava-se como a configuração do mal a ser isolado. Era o bacilo vermelho que produzia um mal-estar de potência superior aos tradicionais inimigos de guerra (MIÉVILLE, 2017, p. 195). A pressão externa de guerra sem trégua ao comunismo russo favoreceu o destaque das raízes democráticas da revolução, produzindo o socialismo de caserna que impunha a ordem militar moderna a todos. A disciplina e a obediência deveriam compor os corpos dos cidadãos soviéticos. Qualquer força interna de oposição política era transformada imediatamente em inimigo militar. Palavras do líder soviético Dimitrov já em 1937: “Nós destruiremos qualquer um que, com suas ações e seus pensamentos, mesmo que apenas com os pensamentos, atente contra a unidade do Estado Socialista” (*apud* LOSURDO, 2017, p. 182). O comunismo de guerra, que na promessa política de Lenin seria apenas uma fase rápida da história soviética, na realidade, foi permanente. Ele estava alicerçado nas filigranas da militarização total do corpo social.

O *homo sovieticus* foi um construto antes por realidade belicosa intermitente do que ideologia marxista-leninista. Na memória dos russos que viveram no interior do Estado Soviético, coletada por entrevistas de Svetlana Aleksíevitch (2016, p. 163), é possível vislumbrar a seguinte paisagem social: “[...] as nossas coisas soviéticas eram cinza, ascéticas, pareciam objetos de guerra”. A guerra marcou o horizonte social do homem soviético, subtraindo as cores da democracia popular imaginada pelos socialistas do século XIX, com a inserção da cultura militar, que transformou a utopia emancipatória proletária em uma enorme caserna para a defesa do Estado Soviético. De fato, o comunismo de guerra foi permanente na sociedade soviética, pois a guerra real e imaginada sempre esteve presente no horizonte da República Soviética. Se foi a Grande Guerra que criou as condições fundamentais para o êxito da revolução, também foram as guerras – precisamente a de temperatura abaixo de zero grau, a Guerra Fria – que esgotou completamente a possibilidade de prosseguir no projeto revolucionário. Ironicamente, a Revolução Russa nasceu, viveu e morreu na órbita das guerras modernas do século XX. Impossível imaginar a política desenvolvida no Socialismo Real deslocada da preparação para o combate. Essa guerra intermitente militarizou a sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras palavras do Manifesto Comunista de 1848, Marx e Engels afirmavam: “Um espectro ronda a Europa: o espectro do comunismo”. No entanto, a partir de 1917, o comunismo perde totalmente seu valor de espectro e passa a assumir uma ameaça real à ordem burguesa internacional. Diferentemente da Revolução Francesa, que representou uma ameaça à aristocracia europeia decadente, a Revolução Russa apresentou-se como ameaça real a uma classe burguesa toda poderosa e senhora de si com poder suficiente para interferir nos desdobramentos do primeiro Estado Socialista.

Quando observamos as principais rupturas políticas na modernidade, a Era das Revoluções, que se estenderam no século XX, a emergência de poder centralizado e



autoritário apresenta-se como regra geral. A primeira revolução moderna, a Revolução Inglesa do século XVII, inaugurou a ditadura republicana de classe, com base no poder autoritário de Cromwell; a Revolução Francesa, do fim do século seguinte, também reproduz uma ditadura de classe configurada na figura de Robespierre e consolidada pelo poder de Napoleão (LOSURDO, 2017, p. 184). Essa concentração autoritária de poder também está presente na história da Revolução Russa, sendo Stalin a figura emblemática. Entretanto, o poder soviético produziu uma inflexão, trouxe a militarização moderna para o seio da política e da burocratização estatal. Para sustentar a ordem, o socialismo militarizou-se e a cartografia soviética produziu uma enorme caserna que abrigou todo o corpo social. Efetivamente, o Estado Soviético escapa das ditaduras políticas produzidas pelo desdobramento revolucionário moderno, na medida em que correspondeu à militarização absoluta do Estado e da sociedade. O socialismo de caserna derivado desse contexto abrigou-se na longa duração da história política do século XX, com a presença do comunismo de guerra permanente viabilizado pelo Estado Soviético.

A guerra intermitente de longa duração foi justificada em benefício do futuro comunista. Era a guerra sem fim contra o inimigo de classe. A contrarrevolução estava em todas as esquinas da urbe política soviética, de forma que a militarização corrompia o corpo político em benefício da extensão da disciplina de caserna. No dia da morte de Stalin, por exemplo, resgatada da memória da infância da senhora Anna M.: “O orfanato inteiro entrou em formação, levaram uma bandeira vermelha. Durante todo o tempo que durou o funeral, nós ficamos em posição de sentido, umas seis ou oito horas” (ALEKSIÉVITCH, 2017, p. 334). De fato, tudo tão ilustrativo para a demonstração – antes de disciplina militar do que sentimento político – diante da morte do comandante supremo do Estado militar soviético.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BOGDÁNOV, Aleksandr. Carta de Bogdánov a Lunatchárski. In: GOMIDE, Bruno (org.). *Escritos de Outubro: os intelectuais e a Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo, 2017.

BROUÉ, Pierre. *União Soviética: da revolução ao colapso*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

CARR, Edward H. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COLOMBO, Yuri. Partindo da Estação Finlândia: Especial Revolução Russa. *Blog da Boitempo*. São Paulo, 08 maio 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/05/08/partindo-da-estacao-finlandia-especial-revolucao-russa/> Acesso em: 20 set. 2018.



CHRETIEN, Todd. Antes de Fevereiro: Especial Revolução Russa. *Blog da Boitempo*. São Paulo, 20 mar. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/03/20/antes-de-fevereiro/> Acesso em 03 maio 2018.

FERNANDES, Luís. Reflexões não muito ortodoxas sobre a Revolução Russa: legados e lições do centenário. In: JINKINGS, Ivana. *1917: o ano que abalou o mundo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

FERRO, Marc. *A Revolução Russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FITZPATRICK, Sheila. *A Revolução Russa*. São Paulo: Todavia, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FURET, François. *A Revolução em debate*. Bauru: EdUSC, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

LENIN, Wladimir. *O Estado e a Revolução*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2017.

LENIN, Wladimir. *Lenin no poder: textos pós-revolução*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

LOSURDO, Domenico. Stálin e Hitler: irmãos gêmeos ou inimigos mortais? In: JINKINGS, Ivana. *1917: o ano que abalou o mundo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

KURZ, Robert. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARIE, Jean-Jacques. *História da Guerra Civil Russa*. São Paulo: Contexto, 2017.

MANIFESTOS VERMELHOS e OUTROS TEXTOS HISTÓRICOS DA REVOLUÇÃO RUSSA. Introdução de Daniel Aarão Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MIÉVILLE, China. Depois de Outubro. In: JINKINGS, Ivana. *1917: o ano que abalou o mundo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

TROTSKY, Leon. *História de La Revolución Russa*. Tomo I. Bogotá: Pluma Ltda, 1982.

WOOD, Allan. *As origens da Revolução Russa*. São Paulo: Ática, 1991.



NOTAS

AUTORIA

Ronaldo Queiroz de Moraes: Doutor. Professor visitante, Universidade Ritter dos Reis, Curso de História, Porto Alegre, RS, Brasil. Docente de História, Colégio Militar de Porto Alegre, Divisão de Ensino, Porto Alegre, RS, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Capororoca, 89, FASE IV, Condomínio Cantegril, São Lucas, 94450-000, Viamão, RS, Brasil.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença, você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)
Tiago Kramer de Oliveira
Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

HISTÓRICO

Recebido em: 16 de julho de 2019
Aprovado em: 7 de abril de 2020

Como citar: MORAIS, Ronaldo Queiroz de. Por uma leitura político-militar da Revolução Russa: o Estado Soviético e o comunismo de guerra permanente. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 434-451, set./dez. 2020.

